

IX ENCONTRO DA ABCP

AT Eleições e Representação Política

Coordenadores: Luciana Veiga (UFPR) e Yan de Souza Carreirão (UFSC)

Ocupação profissional, profissionalização política e partidos
nas eleições de 2010 no Brasil.

Renato Perissinotto

PPGCP-UFPR

Brasília, DF

04 a 07 de agosto de 2014

Ocupação profissional, profissionalização política e partidos nas eleições de 2010 no Brasil

Renato Perissinotto¹
PPGCP-UFPR

Resumo: Tradicionalmente, ocupações profissionais, como advogados, médicos e engenheiros, têm sido tratadas, de maneira um tanto vaga, como um importante ponto de partida para a profissionalização política no Brasil. O objetivo deste artigo é apresentar uma abordagem mais sistemática para a importância da ocupação profissional como caminho para a profissionalização política. Levando-se em conta a sugestão teórica de Pippa Norris e Joni Lovenduski (1997), segundo a qual certos tipos de ocupações são mais propensos a produzir sucesso político do que outros, testamos esta hipótese para os candidatos à Câmara dos Deputados do Brasil nas eleições de 2010 agregando suas ocupações em três categorias diferentes: i) as ocupações com baixa disposição para a política; ii) disposição média e iii) disposição elevada. Os nossos resultados revelam associação entre o grau de disposição para a política, o sucesso eleitoral dos candidatos e seu partido político.

Palavras-chave: Ocupações; recrutamento político; partidos políticos; eleições; Brasil.

Introdução

Quando se estuda o problema do recrutamento das elites políticas (especialmente as parlamentares), um dos temas mais importantes, tanto em trabalhos clássicos como em estudos contemporâneos², é a importância que algumas ocupações profissionais específicas têm na determinação do sucesso dos indivíduos que decidem seguir o caminho da profissionalização política³.

Algumas ocupações seriam, para utilizar a expressão de Michel Offerlé (1999), “viveiros de políticos”. Nesses casos, os indivíduos seriam socializados de uma dada maneira ao longo da sua vida profissional de modo a adquirir determinadas habilidades que, por sua vez, poderiam ser reconvertidas para o uso no universo político. Assim, os casos clássicos, utilizados como exemplos por Max Weber (1994), seriam o dos jornalistas e o dos advogados. A intimidade que essas ocupações produzem com atividades também exigidas pela política, como, por exemplo, a oratória, o conhecimento da lei e o domínio da língua culta, dariam aos indivíduos uma vantagem determinante para o seu sucesso político. De acordo com essa perspectiva, afirma-se que a ocupação de origem dos indivíduos é um

¹ Professor do Programa de Pós-Graduação em Ciência Política da UFPR e pesquisador do CNPq.

² Para um recenseamento sobre o uso das ocupações como variável importante no estudo das elites políticas e das diversas soluções metodológicas para codificá-las, ver Codato, Costa e Massimo, 2014.

³ Caminho que, aliás, não é único historicamente falando, como bem observou Max Weber. Segundo este autor, há diferentes tipos históricos de políticos profissionais, alguns deles muito anteriores aos parlamentares de nossa época, como, por exemplo, os funcionários prebendários do estado absolutista, o *condottiere*, o político americano descrito por Ostrogorski (1975), o jornalista e o funcionário do partido. Cf. Weber, 1994. Neste artigo referimo-nos apenas aos profissionais que se formam em função da democracia de massas e da eleição competitiva.

importante fator para o sucesso na carreira política em geral e para o sucesso eleitoral, em particular.

Mais recentemente, porém, essa tese tem sido refutada por algumas vertentes da literatura. Afirma-se, primeiramente, a existência de uma crise de legitimidade dos partidos políticos, amplamente constatada, segundo essa literatura, na Europa e na América do Norte (Scarrow & Gezgor 2010)⁴. Segundo os autores vinculados a essa abordagem, os partidos teriam entrado em crise de legitimidade porque teriam se afastado cada vez mais da sociedade, sempre de olhos nos recursos que poderiam obter aproximando-se do Estado. Em função disso, diminuiu o peso dos tradicionais recursos sociais no processo de recrutamento, como o tipo de ocupação, o nível de escolaridade, o sexo ou a idade. Por exemplo, Norris e Lovenduski(1993) mostraram que, ao menos nos dados levantados no Reino Unido, tais fatores tiveram baixo ou nenhum impacto para que os candidatos fossem escolhidos pelos partidos políticos para comporem as listas eleitorais. A conclusão das autoras é que condicionantes essencialmente políticos como experiência prévia em cargos inferiores, dedicação ao partido, tempo disponível e persistência são fundamentais para o sucesso eleitoral neste país. Ou seja, ocorre um aumento expressivo da importância da profissionalização política como condição inseparável do sucesso eleitoral.

Essa profissionalização política, dizem essas mesmas autoras, tem ocorrido, sobretudo, dentro dos próprios partidos políticos. Para ser mais específico, a variável mais importante entre as acima listadas a determinar a passagem de aspirante a candidato é o tempo de dedicação à organização partidária. Isso se deve à presença cada vez maior das organizações partidárias na vida democrática, sobretudo como canais de recrutamento daqueles que irão exercer a função de representação política⁵. Em alguns países, como é o caso do Brasil, os partidos são a única instituição legalmente autorizada a exercer essa função⁶. Ora, essas organizações, profundamente inseridas na vida política e na administração do Estado, não podem mais contar apenas com aquelas profissões tradicionais, que antes se constituíam nos principais “viveiros” de políticos, como advogados, engenheiros e médicos. Agora, os partidos, além dos políticos profissionais, demandam outros profissionais específicos, capazes de gerir a organização e discutir

⁴ Essa literatura é um pouco deslocada da realidade sul americana, já que por aqui, em especial no Brasil, a ideia de “crise” não se aplica tão facilmente, uma vez que nossas legendas partidárias nunca desfrutaram por muito tempo (pelo menos quando comparamos com a Europa) a condição de organizações estáveis e legítimas.

⁵ Esse fenômeno também não é recente, como mostra o mesmo Max Weber. Entre as categorias mais importantes para a profissionalização política, segundo Weber, está justamente o funcionário do partido, figura cuja importância cresce constantemente à medida que as organizações partidárias passam da condição de instrumentos nas mãos de notáveis para a condição de grandes máquinas eleitorais típicas das democracias de massa. Cf. Weber, 1994.

⁶ Conforme lei 9.504/97.

questões específicas ao mundo da política⁷. É dentro da vida partidária, portanto, que o processo de seleção acontece prioritariamente.

Com relação ao Brasil, a literatura tem revelado fenômenos similares. Por exemplo, (Amaral 2011; Braga 2008; Ribeiro 2014), sustentam que, diferente do que se pensa sobre os partidos políticos no Brasil, registra-se recentemente dados que apontam para uma vida partidária ativa por parte dos filiados. Isso, é claro, não transforma os nossos partidos nos típicos partidos europeus de massa, mas revelam que eles não são organizações completamente vazias de sentido. Em outra pesquisa, Bolognesi e Medeiros (2014) constataram a importância da atividade partidária como fator de indução dos filiados à profissionalização política, o que tenderia a reduzir a importância das profissões exteriores à política como filtro significativo no processo de recrutamento político. Outros estudos ainda têm apontado para a crescente importância do político profissional (aquele com experiência política prévia e/ou aquele que busca a reeleição) na determinação das chances do sucesso eleitoral, em detrimento do poder explicativo das profissões tradicionalmente tidas como favoráveis à profissionalização política (notadamente advogados e funcionários públicos) (Perissinotto & Miríade 2009; Perissinotto & Bolognesi 2010; Codato et al. 2013).

Este artigo pretende resistir um pouco a esse tipo de interpretação e analisar o peso que as profissões propícias para a política têm na determinação do sucesso eleitoral. Para tanto, pretendemos utilizar o modelo elaborado por Norris e Lovenduski (1993; 1997), segundo o qual existem ocupações com diferentes disposições para a política. No entanto, ainda segundo essas autoras, tais disposições não podem mais ser pensadas exclusivamente à luz das características da vida política predominantes entre o final do século XIX e meados do século passado. O mundo político moderno nas democracias ocidentais tem exigido políticos com algumas características específicas que responderiam ao fenômeno da cartelização dos partidos políticos, da midiática da política e da profissionalização – e tecnicização – das campanhas eleitorais (Panebianco 2005). A consequência disto é que os candidatos com maior potencial de sucesso – e frequentemente com maior probabilidade de serem escolhidos pelos partidos – são aqueles com habilidades específicas como, por exemplo, domínio da retórica adequada ao novo ambiente midiático das modernas democracias, conhecimento da legislação que regulamenta o financiamento do processo político, intimidade com engrenagens do Estado, tempo livre para se dedicarem à política e sua intensa agenda, adaptabilidade à lógica dos programas televisivos, exercício de carreira ocupacional prévia flexível o suficiente para que

⁷ Se algo permanece, porém, é o afastamento de trabalhadores manuais do mundo da política: “Como as organizações formais de serviço requerem, muitas vezes, conhecimento dos procedimentos parlamentares, a capacidade de bem expressar-se, o hábito de apresentar argumentos, etc., o trabalhador manual se sente pouco à vontade, inútil em tal ambiente e tenderá a evitar essas organizações” (Rosenberg 1976, p.82).

uma eventual candidatura não interrompa o desenvolvimento da atividade profissional e, por fim, portador de status social alto que sirva como salvo-conduto frente às lideranças políticas em partidos, comunidades, sindicatos, etc.

Para operacionalizar a nossa análise, usamos o banco de dados do Tribunal Superior Eleitoral (TSE) divulgado na campanha para deputado federal de 2010. Os dados do TSE são frequentemente muito descritivos e não dizem muito sobre os candidatos. Contudo são uma boa fonte para testes do tipo que iremos propor, já que descrevem todo o universo de candidatos e eleitos no Brasil. As informações são referentes ao partido do candidato, à quantidade de votos, à cidade e ao estado de origem, à coligação, ao cargo em disputa, à situação conjugal, ao sexo, à escolaridade, à ocupação e ao resultado eleitoral.

É bom lembrar que todas as informações contidas no Repositório de Dados Eleitorais do TSE são fornecidas pelos candidatos através do CANdex. Isso poderia produzir um típico problema de confiabilidade das fontes. Contudo, como se trata de um N de 3.601 indivíduos, assumimos que o "ruído" que poderia haver nos dados tem variância normalmente distribuída, o que torna o problema da confiabilidade contornável.

A partir das informações contidas no banco, codificamos as ocupações declaradas pelos candidatos seguindo livremente as sugestões de Norris e Lovenduski (1993)⁸. Segundo essas autoras, as ocupações que tenderiam a favorecer a entrada dos indivíduos na política e o seu sucesso eleitoral seriam aquelas caracterizadas pelo "horário de trabalho flexível", por gerar "habilidades politicamente úteis", serem portadoras de "status social" valorizado na comunidade e de "contatos no mundo político" (1997, p.165). Assim, haveria um conjunto de ocupações que conferem aos interessados em seguir carreira na política recursos simbólicos (status), capacidades políticas e condições materiais vantajosas. Essas são as *brokerageoccupations*⁹, que permitem aos seus profissionais ter flexibilidade de compromissos, férias generosas, independência financeira, autonomia profissional, redes de influência, prestígio social e aptidões adequadas para a vida política (Norris & Lovenduski 1997).

A partir dessa ideia, Codato, Costa e Massimo (2014) estabeleceram três critérios ligados à profissão do aspirante a político e que, combinados, mediriam as oportunidades oferecidas pelo sistema de relações sociais em que estão inseridos. São eles: a) carreira

⁸ A ideia de aplicar as sugestões encontradas em Norris e Lovenduski foi inicialmente sugerida a nós por Bruno Bolognesi e, posteriormente, sistematizada por Codato, Costa e Massimo, 2014.

⁹ Carty e Cross (2010) apontam a existência de *brokerageparties* no Canadá como uma forma organizacional de partidos semelhante ao *catch-all*, contudo ocupado especialmente pelas profissões nominalmente correlatas, de modo a conquistar a maior parte dos eleitores num sistema políticoparcamente institucionalizado e em um país fragmentado regional, política e culturalmente como o Canadá. Enquanto os partidos do tipo *catch-all* disputam seus votos em sociedades com clivagens sociais definidas, os *brokerageparties* tem como principal objetivo dominar todo o sistema político com pouco espaço para a competição (fator este fundamental no surgimento de partidos 'pega-tudo').

flexível (férias generosas, disponibilidade de tempo e autonomia profissional); b) status social (posição da ocupação frente às outras de acordo com o reconhecimento e o prestígio socialmente compartilhado numa dada comunidade); e c) afinidade com a atividade política (ocupações que permitem familiaridade com a máquina pública ou rede de contatos importantes no meio). Como resultado desses critérios, os autores criaram três tipos de ocupação, tendo em vista a entrada na política e o sucesso na carreira: profissões com alta disposição para a atividade política (presença dos três critérios); com média disposição para a atividade política (presença de dois dos critérios); ou com baixa disposição para a atividade política (ausência dos três ou presença de apenas um critério)¹⁰. Para operacionalizar o conceito, pontuamos cada uma das 273 ocupações declaradas no TSE de zero a três. De modo que possuir cada um dos critérios estabelecidos fazia com que se somasse um ponto por critério à cada ocupação. É claro que a agregação das ocupações conta com alguma dose de discricionariedade. Contudo, conforme se observa nos resultados, parece que nossa proposta faz algum sentido.

Desse modo, apenas a título de exemplo, ocupações com título universitário foram tratadas como de alto status social¹¹. Por outro lado, ocupações como engenheiro civil, cujos profissionais tendem a atuar em geral no setor privado, como empregados ou autônomos, têm alto status social, mas não dispõem de tempo livre ou de rede de contatos na política, o que nos leva classificá-las como ocupações com média disposição para a política. Já donas de casa não possuem habilidade política, nem status social, mas podem gozar de certa flexibilidade no seu tempo de trabalho, sendo contemplada, portanto, com apenas um ponto. Trabalhadores manuais, em sua maior parte, não atendem a nenhum critério, de modo que atingem a mais baixa pontuação. Já advogados e economistas foram classificados com alta disposição para a política, por possuírem, em geral, carreira flexível (normalmente são profissionais liberais ou ministram aulas), dispõem de habilidades interessantes para o mundo político e possuem alto status social.

O artigo está dividido em quatro partes. Na primeira apresentamos simplesmente a distribuição simples de tipos de ocupação entre os candidatos a deputado federal nas eleições de 2010 e sua relação com o sucesso eleitoral. Na segunda parte do artigo

¹⁰ É importante dizer que este artigo não pretende fazer uma sociologia das profissões. Certamente, todos os candidatos que se autodeclaram, por exemplo, advogados, médicos e economistas não são todos advogados, médicos e economistas da mesma maneira. A especificidade dos diversos modos de exercer a profissão (ou mesmo de não exercê-la) só poderia ser captada por meio de análises verticalizadas das motivações dos agentes e de um estudo histórico da constituição dos diferentes campos profissionais, algo impossível a partir das evidências com as quais trabalhamos. Para uma definição já clássica do que são profissões, ver Parsons, 1965; para estudos de profissionalização de um campo específico no Brasil, ver Bonelli, 2001, 2002; para uma discussão sobre o próprio conceito de profissão, ver Bonelli, 2005 e Fernanda Petrarca (no prelo).

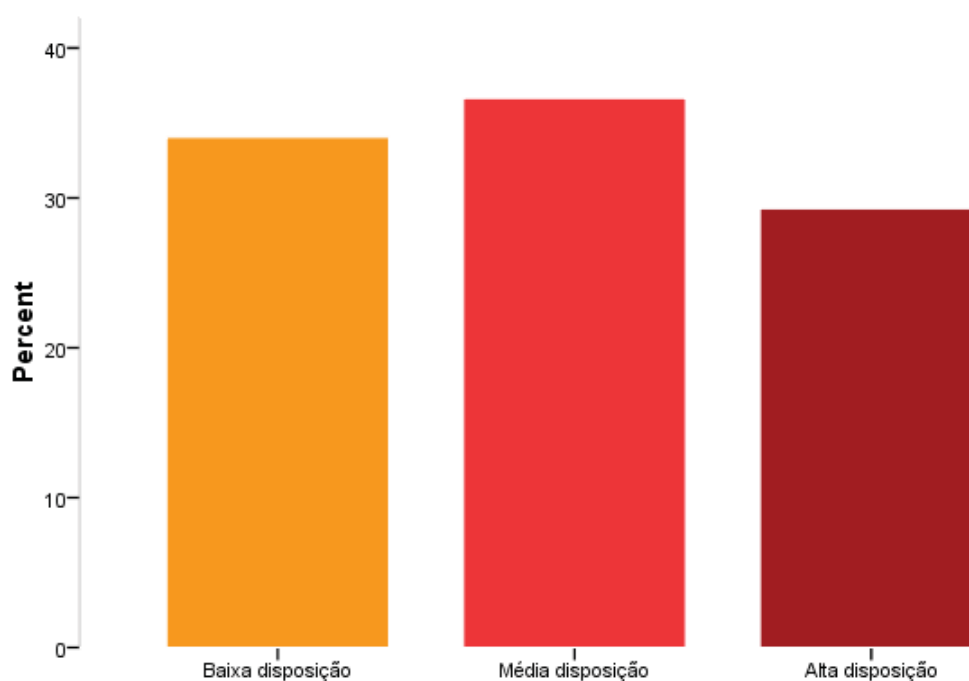
¹¹ Num país onde a população de graduados em 2010 era de 12,8 milhões de pessoas, segundo o IBGE, representado cerca de 7% da população brasileira, pensamos que possuir um diploma seja fator de distinção social.

discutimos a distribuição do tipo de ocupação (se com baixa, média ou alta disposição para a política) por gênero e por tipo de partido político (se partidos grandes ou pequenos¹²); em seguida, ainda nesta mesma parte, procuramos saber se o tipo de ocupação afeta diferentemente o sucesso eleitoral em função do gênero do candidato e do tamanho do partido pelo qual ele se candidata; por fim, lançando mão de um modelo de regressão logística binária, apresentamos dois modelos, um excluindo, outro incluindo a variável “ser político” para testar o impacto dos tipos de ocupação sobre as chances de sucesso eleitoral.

I. Tipo de ocupação e sucesso eleitoral

O Universo dos candidatos à deputação federal no ano de 2010 é formado por uma distribuição razoavelmente equilibrada entre os diversos tipos de ocupação, como se pode ver pelo gráfico a seguir.

Gráfico 01 - Distribuição da Ocupação entre candidatos a Deputado Federal em 2010



Fonte: TSE

Alguns estudos têm revelado que o processo de formação da lista de candidatos nos partidos políticos brasileiros, apesar dos filtros que aí operam, não é propriamente um processo ultra-excludente, ainda que não seja também totalmente aberto (Bolognesi 2013a;

¹² Consideramos partidos grandes aqueles que possuem representação de no mínimo 3% na Câmara dos Deputados no ano da eleição, a saber, PT, PMDB, PSDB, PDT, DEM e PP.

Cervi 2012)¹³. Nesse sentido, não é de estranhar que um número significativo de pessoas (algo em torno de 70%) tenham ocupações que foram codificadas por nós como de baixa ou média disposição para a atividade política. Sabemos que muitas dessas candidaturas são *pro forma*, sobretudo no caso das mulheres, em que a necessidade de preencher as cotas leva os partidos a uma busca de candidatas que, efetivamente, não pretendem se dedicar à atividade política¹⁴. Isso certamente se repete em outros casos. Portanto, a entrada na lista não é um lugar em que as disposições de determinadas ocupações para a política façam de fatodiferença, o contrário do que foi encontrado, por exemplo, no Reino Unido. O peso das disposições para a atividade política, porém, parecem fazer diferença quando se trata de fazer valer a candidatura, isto é, entrar na disputa para vencer. É o que podemos ver na tabela 1 a seguir.

Tabela 01 - Ocupações agregadas e resultado eleitoral na CD em 2010¹⁵

		Resultado Eleitoral				Total
		Eleito	Eleito por média	Suplente	Não eleito	
Baixa disposição	Std. Res.	1,40%	0,20%	24,70%	7,70%	34,00%
		-7,8	-3	1,3	4,9	
Média disposição	Std. Res.	2,20%	0,30%	27,30%	6,80%	36,70%
		-6	-2,2	2,1	1,4	
Alta disposição	Std. Res.	8,10%	1,20%	17,60%	2,40%	29,30%
		15,1	5,7	-3,7	-6,8	
Total		422	61	2509	609	3601
% of Total		11,70%	1,70%	69,70%	16,90%	100,00%

Fonte: TSE – Coeficiente de Contingência 0,571

Os números revelam, por meio do uso dos resíduos padronizados¹⁶, que há forte associação entre determinadas categorias das variáveis que compõem a tabela de

¹³ Porém, não acreditamos, por outro lado, que se trate de um processo de auto-seleção, como afirma Samuels(2008). A seleção dos candidatos leva em conta critérios importantes como a densidade eleitoral. Contudo, a ocupação do indivíduo parece não ter relevância nesse momento, como aponta Bolognesi (Bolognesi 2013b, p.51).

¹⁴ Ficou mundialmente famoso o caso das “Joanitas”, nas eleições mexicanas. Eram mulheres que entravam para a disputa eleitoral para cumprir a cotas eleitorais nos partidos. Assim que tomavam posse de seus mandatos, renunciavam, dando lugar ao candidato homem, seu suplente imediato.

¹⁵ Como estamos lidando aqui com o universo de candidatos para deputado federal nas eleições de 2010 no Brasil, nossas conclusões se limitam a este escopo empírico e nos isentam de apresentar a significância estatística dos testes de hipótese (Figueiredo Filho et al. 2011).

contingência. Isto é, a associação entre as variáveis “resultado eleitoral” (ser ou não ser eleito) e disposição das ocupações para a política (baixa, média e alta) é forte e concentra-se especialmente em quatro células.

Os dados revelam que há forte associação positiva entre ocupações com alta disposição para a política e ser eleito e entre ocupações com baixa disposição para a política e não ser eleito. Isso indica que há uma concentração estatisticamente significativa e maior de casos nessas células do que o esperado, isto é, do que se a distribuição de casos fosse normal. Ou seja, o limite estatisticamente significativo nos permite dizer que não há aleatoriedade na distribuição dos dados, podendo interpretar a superação dos resíduos como uma associação do tipo *chi-square*. Por outro lado, os dados indicam que há forte associação negativa entre ocupações de baixa disposição para política e ser eleito e ocupações com alta disposição para a política e não ser eleito. Ao contrário, isso indica que, nessas células, há um número menor de casos do que o esperado, fosse a distribuição normal. As ocupações de média disposição não tendem para nenhum lado.

Podemos ver, assim, que o exercício de ocupações com alta disposição para a política é um elemento importante para o sucesso eleitoral, pelo menos para as eleições para deputado federal no ano de 2010.

II. Tipo de ocupação, gênero, partido e sucesso eleitoral

A seguir, discutiremos como o nível de disposição para a política definido pelas ocupações se relaciona com o gênero dos candidatos, com o partido a quem pertencem e, por fim, com o sucesso eleitoral. Antes, porém, cabe justificar porque discutir a relação entre o nível de disposição para a política das ocupações, de um lado, e gênero e partidos, de outro.

A discussão sobre gênero se justifica por duas razões. Primeiramente, porque a literatura que discute a relação entre gênero e política tende a mostrar que, no geral (isto é, deixando-se de lado as mulheres que entram na política pelo capital social que possuem), as mulheres, por exercerem a famosa jornada dupla de trabalho, estão numa condição quase que permanente de “baixa disposição” para a política. Falta-lhes um atributo essencial para a entrada na vida política e o sucesso eleitoral que é o tempo livre para se dedicar à atividade política e às tarefas partidárias. Interessa-nos ver, portanto, se tal condição é ainda reforçada pelas ocupações que elas exercem fora de casa (Araújo & Alves 2007; Araújo & Borges 2013; Miguel 2008).

¹⁶ O Resíduo padronizado é uma medida de associação que testa a força de associação entre as categorias das variáveis. O limite inferior e superior para a análise de resíduos padronizados está entre -1,96 e 1,96 para um intervalo de confiança de 95%. Cf. Pereira (2004, p.121) ou Cervi, (2014, p.70).

Com relação aos partidos, alguns estudos têm enfatizado a importância de se analisar o partido como organização que desempenha papel central também em sua arena interna, e não apenas nas arenas eleitoral e legislativa, como tradicionalmente se afirmou no Brasil (Ribeiro 2010; Braga 2008; Alcántara Sáez & Freidenberg 2001). Um dos papéis eleitorais mais importantes do partido é exatamente selecionar os indivíduos que irão compor a lista de candidatos (Ranney 1965; Schlesinger 1966; Epstein 1986; Braga 2008; Braga & Bolognesi 2013; Rahat & Hazan 2001). O nosso interesse, portanto, é saber se entre os partidos há diferenças quanto ao tipo de ocupação dos candidatos selecionados.

Os dados em relação ao gênero podem ser vistos na tabela a seguir.

Tabela 02 - Crosstab sexo e tipo de ocupação					
		Sexo			
		Feminino	Masculino	Total	
Baixa disposição		6,90%	27,20%	34,00%	
	Std. Residual	3,8	-1,6		
Média disposição		6,10%	30,50%	36,70%	
	Std. Residual	0,7	-0,3		
Alta disposição		2,90%	26,40%	29,30%	
	Std. Residual	-4,8	2,1		
Total	N	574	3027	3601	
	% of Total	15,90%	84,10%	100,00%	

Fonte: TSE – Coeficiente de Contingência 0,377

Como era de esperar, as mulheres não tem que enfrentar apenas a barreira do trabalho doméstico. Além disso, as ocupações em que elas tendem a se concentrar são exatamente aquelas que reúnem as piores condições para o exercício da atividade política, muito provavelmente com tempo limitado para se dedicar a ela. Os dados da tabela mostram uma forte associação positiva entre ocupações com baixa disposição para a política e candidatos do sexo feminino, ao passo que, ao contrário disso, estão relacionadas negativamente com ocupações com alta disposição para a política.

Observe-se que entre os homens as associações são bem menos significativas. Não há qualquer associação entre ocupações de baixa disposição para a política e a associação com ocupações de alta disposição está pouco acima do limite crítico de 1,96.

Mas qual seria o impacto das ocupações no sucesso eleitoral de homens e mulheres? Vejamos os dados na tabela 3 a seguir.

Tabela 03 - Ocupação agregada por resultado e sexo dos candidatos à Câmara dos Deputados em 2010

			Resultado		
			Não eleito	Eleito	Total
FEMININO	Baixa disposição	s. r.	42,50%	0,70%	43,20%
			0,9	-3,3	
	Média disposição	s. r.	36,40%	1,90%	38,30%
			0,3	-1,2	
	Alta disposição	s. r.	13,90%	4,50%	18,50%
			-1,9	6,7	
		N	533	41	574
			92,90%	7,10%	100,00%
MASCULINO	Baixa disposição	s. r.	30,60%	1,80%	32,30%
			3,1	-7,5	
	Média disposição	s. r.	33,70%	2,70%	36,30%
			2,6	-6,3	
	Alta disposição	s. r.	21,20%	10,20%	31,40%
			-6	14,4	
		N	2585	442	3027
			85,40%	14,60%	100,00%

Fonte: TSE – Coeficiente de Contingência 0,411

Os dados da tabela acima são muito interessantes no que diz respeito às candidatas. Se anteriormente vimos que, no nosso universo de candidatos, há uma forte associação entre ser mulher e exercer uma ocupação de baixa disposição para a política, agora identificamos uma forte relação entre sucesso eleitoral e ocupações com alta disposição para a política também entre as mulheres. Isso significa que a presença das mulheres na política não pode ser pensada *apenas* pela condição de gênero, mas tem que também ser analisada em função do tipo de ocupação que elas exercem antes de entrar na política.

Os dados são ainda mais interessantes porque entre as mulheres não eleitas, não encontramos qualquer tipo de associação com o tipo de profissão. Ou seja, aquelas que fracassam eleitoralmente estão aleatoriamente distribuídas entre profissões de baixa, média e alta disposição para a política. Ao contrário, as que são bem sucedidas eleitoralmente estão forte e positivamente associadas com ocupações de alta disposição para a política, ocorrendo o inverso com as ocupações com baixa disposição para a política, negativamente associadas ao sucesso eleitoral. Os dados sugerem, portanto, que para as mulheres que romperam todas as barreiras até o momento da entrada na lista, não é a condição de gênero que define o seu sucesso eleitoral, mas o tipo de ocupação que exercem fora da política. Entre os homens as associações vão na mesma direção, só que são bem mais intensas.

No que diz respeito aos partidos políticos, pudemos detectar que também aí a relação entre tipo de ocupação e tipo de partido (se grande ou pequeno) não é aleatória. Vejamos os dados a seguir.

Tabela 03 - Ocupação agregada e tamanho dos partidos em 2010

		Pequenos Partidos	Grandes Partidos	Total
Baixa disposição		23,30%	10,70%	34,00%
	Std. Residual	3,2	-4	
Média disposição		23,70%	13,00%	36,70%
	Std. Residual	1,5	-1,9	
Alta disposição		14,40%	14,90%	29,30%
	Std. Residual	-5,1	6,4	
Total	N	2210	1391	3601
	% of Total	61,40%	38,60%	100,00%

Fonte: TSE – Coeficiente de Contingência 0,399

A associação, como se vê, é basicamente inversa. Entre os partidos pequenos estão presentes preferencialmente aqueles candidatos oriundos de ocupações com baixa disposição para a atividade política e ausentes aqueles que têm ocupação com alta disposição; entre os partidos grandes ocorre o inverso, embora a associação neste caso se concentre apenas nas ocupações com alta disposição para a política. Isso ocorre, provavelmente porque os grandes partidos tem capacidade organizacional para traçar estratégias políticas (Guarnieri 2012) e para exigir indivíduos dotados de habilidades necessárias para atuarem em favor da organização partidária, enquanto que os pequenos partidos são partidos ‘de famílias’ ou de um ‘único dono’, servindo apenas de plataforma eleitoral para determinados indivíduos se lançarem de forma aventureira para cargos majoritários.

Notamos ainda que em todos os partidos – grandes e pequenos – existem ocupações com baixa disposição para a política. Nesse sentido, parecem caminhar na direção de uma “crise de legitimidade”, identificada por autores como (Ghunter & Hopkin 2007; Wolinetz 2002; Norris & Lovenduski 1997; Panebianco 2005) em função da incongruência entre os recursos profissionais à sua disposição e as novas exigências profissionais da política atual. Por outro lado, porém, de acordo com outros autores, parece também que os partidos conseguem absorver as mudanças no modo de se fazer política e traçar estratégias que atendam a isso, seja através da aproximação com o Estado (Katz & Mair 2004), da ampliação do eleitorado (Kirchheimer 2012), da dominação de todo um sistema partidário (Carty & Cross 2010) ou adaptando seu ‘território de caça’ para vencer eleições e, desse modo, redefinindo também o tipo de profissional exigido pela organização.

Vejamos agora se os tipos de ocupação afetam diferentemente o sucesso eleitoral.

III. Um modelo de regressão: profissionalização *ma non troppo*

Nesta terceira parte do artigo pretendemos testar dois modelos de regressão. Isso se justifica porque entre as ocupações declaradas pelos candidatos a deputado federal de 2010 está a de político. A ocupação “político”, formada por aqueles que se declararam como vereadores, deputado (estadual ou federal), prefeitos, governadores, senadores ou ocupantes de cargos de comissão, está codificada entre as ocupações com alta disposição para a política. Ora, como vem mostrando a literatura sobre profissionalização política (Veiga & Perissinotto 2011; Codato et al. 2013; Bolognesi & Medeiros 2014; Perissinotto & Bolognesi 2010; Best & Edinger 2005; Codato 2008), ser político profissional aumenta significativamente as chances de um indivíduo ser bem sucedido nas eleições, ainda mais se ele estiver em busca da reeleição. Nesse sentido, seria preciso testar o impacto dos tipos de ocupação sobre o sucesso eleitoral também separando a ocupação “político” das demais ocupações. Os resultados estão nos dois modelos reproduzidos abaixo.

Tabela 05 - Coeficientes da regressão logística para sucesso eleitoral para deputado federal em 2010

	Modelo 01			Modelo 02		
	OddsRatio(%)	Erro Padrão	Wald	OddsRatio(%)	Erro Padrão	Wald
Média disposição	44,90*	0,176	4,323	44,90*	0,175	4,464
Alta disposição	661,00*	0,154	173,066	104,40*	0,204	12,308
Partidos Grandes	236,00*	0,111	119,273	181,70*	0,117	78,581
Ser homem	4,60*	0,184	4,324	4,94*	0,193	4,338
Casado	83,00*	0,164	13,720	79,30*	0,171	11,698
Divorciado	60,00	0,221	4,728	64,40	0,231	4,612
Viúvo	-16,00	0,563	0,490	-25,00	0,589	0,231
Ser político				690,00*	0,175	140,108

Constante	-77,00	0,249	299,968	-85,50	0,256	272,040
		R2 = 0,261			R2=0,335	

Fonte: TSE

* p value<0,050

Antes de prosseguirmos com a análise, algumas observações sobre os modelos devem ser feitas. Em primeiro lugar, é preciso uma ressalva quanto à multicolineariedade. O teste demonstrou que, ao inserirmos como *covariate* a variável ‘educação’, a mesma apresentou valor de VIF superior a 5 com as ocupações agregadas. Isso ocorreu porque a nossa agregação das ocupações por ‘disposição para a política’ definiu “possuir curso superior” como alto status social, o que nos obrigou a retirar o nível educacional de nossos modelos. Retirada essa variável, nenhum valor de VIF ultrapassou 3. Os testes de especificação e ajuste dos dados nos modelos (Omnibus e Hosmer-Lemeshow) apontam que ambos estão em conformidade com os valores de significância estatística, aceitando a hipótese nula no primeiro e negando no segundo com intervalo de confiança a 95%. Mesmo observando que o poder explicativo do segundo modelo aumenta, R2=0,335, em relação ao primeiro, R2=0,261, ambos possuem uma capacidade explicativa bastante razoável¹⁷.

Passando para a análise dos resultados no modelo 01, observamos que possuir ocupações com alta disposição para a política é a variável que mais contribui para a explicação do sucesso eleitoral (ser ou não ser eleito), com valor de Wald de 173,066. Em seguida temos a variável “fazer parte de um partido grande ou não”, com 119,273. Em seguida encontramos “ser casado” com a terceira maior contribuição para explicação da variação na variável resposta e, por fim, “possuir ocupações com média disposição para a política”. As demais variáveis não apresentaram significância estatística.

Quando inserimos uma variável independente *dummy* “ser ou não ser político”, observamos que a contribuição para o modelo de explicação desta variável passa a ser o mais elevado, no segundo modelo, com Wald de 140,108. Isso não ocorria em nosso primeiro modelo visto que ser político estava entre as profissões com alta disposição para a vida política, já que estes indivíduos desfrutavam de flexibilidade de tempo e carreira, de alto

¹⁷ O leitor poderia perguntar por que não incluir nos modelos as variáveis “patrimônio declarado” ou “gastos de campanha”, identificadas pela literatura como importantes fatores a determinar o sucesso eleitoral. No que se refere ao patrimônio declarado, o TSE não consolidou a sua base de dados com tal informação. Quanto aos gastos de campanha, parece não haver consenso sobre qual é exatamente o sentido da associação entre gastos de campanha e sucesso eleitoral, isto é, se os candidatos recebem mais dinheiro porque desfrutam de alto potencial de sucesso eleitoral, ou se têm alto potencial eleitoral porque obtêm muitos recursos financeiros. Diante deste impasse, não colocamos a variável no modelo. De toda forma, ela apenas atenua de forma global o impacto das variáveis políticas e sociais, mas não as anula.

status social e também já adquiriram habilidades em suas passagens anteriores pela arena política. Cabe lembrar que aqui não são tratados de forma desagregada os diferentes 'políticos': vereadores, prefeitos e vices, deputados federais, senadores, governadores e vices e deputados estaduais foram todos tratados como membros da variável 'ser político'.

Ora, nesse sentido, os testes revelam que estão certos aqueles estudos que apontam para a profissionalização política como o fator mais importante para a determinação do sucesso eleitoral, mais até mesmo do que as ocupações prévias com alta disposição para a atividade política. No entanto, mesmo quando isolamos a condição de político profissional, as ocupações com alta disposição para a política continuam tendo uma importância significativa na determinação do sucesso eleitoral. A *odds-ratio*¹⁸ nesse caso perde impacto, definitivamente. Mas quando retiramos os políticos profissionais desta categoria, ela continua fazendo sentido em relação às outras, o que nos permite sugerir que indivíduos com alta disposição para política têm alguma capacidade para desafiar *incumbents* e promover os processos de renovação de cadeiras na Câmara dos Deputados. Além disso, é importante observar que a categoria "média disposição para política" permanece inalterada nos dois modelos, aumentando em 44,90% a probabilidade de um candidato sair vitorioso.

O segundo achado, é que fazer parte de um grande partido provavelmente adiciona um elemento estratégico (Guarnieri 2012) na campanha eleitoral e estes são os partidos que consolidaram o cenário nacional, oferecendo maiores oportunidades para a eleição de seus candidatos, já que desfrutam da maior janela de oportunidades no sistema (possuem maior número de cadeiras na Câmara dos Deputados). Ou seja, se conjugarmos a nossa agregação das ocupações dos candidatos com o achado acerca dos grandes partidos, podemos concluir que, mesmo que de forma acanhada, a política brasileira parece se aproximar em alguma medida do que Norris e Lovenduski(1993; 1997) constataram no Reino Unido nos anos 1990. Possuir ocupações que, além de status social, conferem aos indivíduos habilidades e tempo livre condizentes com a atividade política é algo importante para o sucesso eleitoral inclusive daqueles que ainda não se profissionalizaram politicamente. Quanto maior o rol de critérios que o indivíduo cumpre dentre os estabelecidos (ter ocupações com média e alta disposição e pertencer a grandes partidos),

¹⁸ Analisando a *oddsratio*, que descreve a proporção de chance de ocorrência do efeito da variável independente sobre a variável resposta, vemos que a mesma não pode ser negativa, de modo que valores abaixo de um foram modulados para se converterem em percentuais de chance de ocorrência do fenômeno explicado (eleger-se ou não) (Hoffman 2011, p.178). Desse modo, o sinal invertido na razão de chance se refere ao impacto negativo no sentido da reta, apontando, por exemplo, que apenas ser viúvo reduz as chances de sucesso eleitoral.

maior sua chance de se eleger. Assim, se, por um lado, os nossos dados não permitem mensurar o fenômeno da decadência dos partidos como canalizadores de demandas sociais (Scarrow & Gezgor 2010), uma das dimensões da suposta crise dos partidos, por outro, podemos dizer que, ao menos na arena eleitoral, as organizações partidárias parecem possuir um papel central na determinação do sucesso eleitoral.

Considerações finais

Em linhas gerais podemos destacar quatro considerações a partir do nosso modelo de agregação de variáveis.

Em primeiro lugar, observamos que o método de agregar as ocupações produz resultados interessantes. Mesmo se tratando de dados muito limitados – apenas uma eleição, para apenas um cargo – a agregação feita a partir de Norris e Lovenduski contribui para pensar de maneira mais sofisticada o sucesso eleitoral. Enquanto em outras publicações enfatizamos as ocupações tradicionais em contraposição ao político profissional, com clara e ampla predominância destes últimos (Perissinotto & Bolognesi 2010), neste texto procuramos mostrar que as ocupações prévias ainda têm importância no processo político.

Em segundo lugar, observamos que as ocupações fazem diferença para o sucesso eleitoral dos candidatos. Ocupações com média e alta disposição aumentam a chance de sucesso eleitoral consideravelmente. Mesmo que ser político profissional ainda seja o fator que exerce maior impacto no sucesso eleitoral, não é possível ignorar que profissões que atendem às atuais demandas do mercado político nesse processo.

Em terceiro lugar, creio que os nossos dados são interessantes para discutir a inserção das mulheres na política e na arena representativa. Os dados mostram que quando as mulheres conseguem avançar para o estágio de candidatas e possuem condições competitivas, o sexo importa muito pouco nas chances de sucesso eleitoral. O problema da exclusão das mulheres da vida política, como já apontado em Perissinotto e Bolognesi (2010), parece ser anterior à entrada das mulheres na arena eleitoral. Superadas essas barreiras, o tipo de ocupação passa a ser determinante para o sucesso eleitoral.

Por fim, vemos que os grandes partidos são catalizadores de sucesso eleitoral. Nossa interpretação, ainda muito especulativa, é de que isso ocorre devido à janela de oportunidades que estes partidos oferecem e ao peso das organizações partidárias como fator importante para garantir postos representativos. Enquanto pequenos partidos têm maior dificuldade em atrair perfis competitivos, as grandes legendas conseguem formar

listas eleitorais com indivíduos com essas características e ainda servir de apoio para vencer eleições.

Referências bibliográficas

- Alcántara Sáez, M. & Freidenberg, F., 2001. Los partidos políticos en America Latina. *América Latina Hoy*, (27), pp.17–35.
- Amaral, O., 2011. Ainda conectado: o PT e seus vínculos com a sociedade. *Opinião Pública*, 17(1), pp.1–44.
- Araújo, C. & Alves, J.E.D., 2007. Impactos de indicadores sociais e do sistema eleitoral sobre as chances das mulheres nas eleições e suas interações com as cotas. *Dados*, 50(3), pp.535–577. Available at: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0011-52582007000300004&lng=pt&nrm=iso&tlng=pt.
- Araújo, C. & Borges, D., 2013. TRAJETÓRIAS POLÍTICAS E CHANCES ELEITORAIS: *Revista de Sociologia e Política*, 21(46), pp.69–91.
- Best, H. & Edinger, M., 2005. Converging Representative Elites in Europe? An Introduction to the EurElite Project. *Czech Sociological Review*, 41(3), pp.499–510.
- Bolognesi, B., 2013a. A seleção de candidaturas no DEM, PMDB, PSDB e PT nas eleições legislativas federais brasileiras de 2010: percepções dos candidatos sobre a formação das listas. *Revista de Sociologia e Política*, 21(46), pp.45–68.
- Bolognesi, B., 2013b. *Caminhos para o poder: a seleção dos candidatos a Deputado Federal nas eleições de 2010*. UFSCar.
- Bolognesi, B. & Medeiros, P.L., 2014. Aspectos motivacionais do recrutamento político: um estudo inicial dos candidatos a deputado federal no Brasil (2010). *Paraná Eleitoral: revista de direito eleitoral e ciência política*, No prelo.
- Braga, M. do S.S., 2008. Organizações partidárias e seleção de candidatos no estado de São Paulo. *Opinião Pública*, 14(2), pp.454–485. Available at: http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0104-62762008000200008&script=sci_arttext&tlng=es [Accessed July 19, 2012].
- Braga, M. do S.S. & Bolognesi, B., 2013. Apresentação dossiê Recrutamento Político e Seleção de Candidatos. *Revista de Sociologia e Política*, 21(45), pp.7–11.
- Carty, R.K. & Cross, W., 2010. Political Parties and the Practice of Brokerage Politics. In J. C. Courtney & D. E. Smith, eds. *The Oxford Handbook of Canadian Politics*. Oxford: Oxford University Press. Available at: <http://oxfordhandbooks.com/view/10.1093/oxfordhb/9780195335354.001.0001/oxfordhb-9780195335354-e-11> [Accessed June 19, 2014].
- Cervi, E.U., 2014. *Análise de Dados Categóricos em Ciência Política* 1a. ed., Curitiba: E-book independente.

- Cervi, E.U., 2012. *Computamiento electoral y nivel de disputa en Brasil: una análisis basado en el número efectivo de candidatos por distrito electoral para diputado federal en 2010*, Quito.
- Codato, A., 2008. A formação do campo político profissional no Brasil: uma hipótese a partir do caso de São Paulo. *Revista de Sociologia e Política*, 16(30), pp.89–105.
- Codato, A., Cervi, E.U. & Perissinotto, R.M., 2013. Quem se elege prefeito no Brasil? Condicionantes do sucesso eleitoral em 2012. *Cadernos ADENAUER*, XIV(2), pp.61–84.
- Epstein, L.D., 1986. *Political Parties in the American Mold*, Madison: University of Wisconsin Press.
- Figueiredo Filho, D.B. et al., 2011. *When statistical significance is not significant*?, São Carlos.
- Ghunter, R. & Hopkin, J., 2007. Una crisis de institucionalización: el colapso de UCD en España. In J. R. Montero, R. Gunther, & J. Linz, eds. *Partidos políticos. Viejos conceptos y nuevos retos*. Madrid: Fundación Alfonso Martín Escudero/Editorial Trotta.
- Guarnieri, F., 2012. *Organização partidária e mobilização eleitoral no Brasil: o elo perdido*, Gramado.
- Hoffman, R., 2011. *Análise estatística de relações lineares e não lineares*, São Paulo: LP-Books.
- Katz, R.S. & Mair, P., 2004. El partido cartel: la transformación de los modelos de partidos y de la democracia de partidos. *Zona Abierta*, (108/109), pp.9–39.
- Kirchheimer, O., 2012. A transformação dos sistemas partidários da Europa Ocidental. *Revista Brasileira de Ciência Política*, (7), pp.349–385. Available at: http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0103-33522012000100014&script=sci_arttext [Accessed August 30, 2012].
- Miguel, L.F., 2008. Political Representation and Gender in Brazil: Quotas for Women and their Impact. *Bulletin of Latin American Research*, 27(2), pp.197–214. Available at: <http://doi.wiley.com/10.1111/j.1470-9856.2008.00263.x>.
- Norris, P. ed., 1997. *Passages to Power: Legislative Recruitment in Advanced Democracies*, New York: Cambridge University Press.
- Norris, P. & Lovenduski, J., 1993. If Only More Candidates Came Forward ' Supply-Side Explanations of Candidate Selection in Britain. *British Journal of Political Science*, 23(3), pp.373–408.
- Norris, P. & Lovenduski, J., 1997. United Kingdom. In P. Norris, ed. *Passages to Power: Legislative Recruitment in Advanced Democracies*. Cambridge: Cambridge University Press, pp. 158–186.
- Panebianco, A., 2005. *Modelos de partido: organização e poder nos partidos políticos*, São Paulo: Martins Fontes.

- Pereira, J.C.R., 2004. *Análise de dados qualitativos: estratégias de análise para as ciências da saúde, humanas e sociais*, São Paulo: Edusp.
- Perissinotto, R.M. & Bolognesi, B., 2010. Electoral Success and Political Institutionalization in the Federal Deputy Elections in Brazil (1998, 2002 and 2006). *Brazilian Political Science Review*, 4(1), pp.10–32.
- Perissinotto, R.M. & Miríade, A., 2009. Caminhos para o parlamento: candidatos e eleitos nas eleições para deputado federal em 2006. *Dados*, 52(2), pp.301–333.
- Rahat, G. & Hazan, R.Y., 2001. Candidate Selection Methods: An Analytical Framework. *Party Politics*, 7(3), pp.297–322.
- Ranney, A., 1965. *Pathways to parliament: candidate selection in Britain*, Madison: University of Wisconsin Press.
- Ribeiro, P.F., 2010. *As estruturas decisórias dos maiores partidos brasileiros em perspectiva comparada*, Recife.
- Ribeiro, P.F., 2014. *What Do These People Want? Membership and Activism in Brazilian Political Parties*, Salamanca.
- Rosenberg, M., 1976. *A lógica na análise do levantamento de dados*, São Paulo: Cultrix - Ed. da Universidade de São Paulo.
- Samuels, D., 2008. Political Ambition, Candidate Recruitment and Legislative Politics in Brazil. In *Pathways to Power Political Recruitment and Candidate Selection in Latin America*. University Park: The Pennsylvania State University Press, pp. 76–91.
- Scarrow, S.E. & Gezgor, B., 2010. Declining memberships, changing members? European political party members in a new era. *Party Politics*, 16(6), pp.823–843. Available at: <http://ppq.sagepub.com/cgi/doi/10.1177/1354068809346078> [Accessed April 24, 2014].
- Schlesinger, J.A., 1966. *Ambition and Politics: Political Careers in the United States*, Chicago: Rand McNally.
- Veiga, L. & Perissinotto, R.M., 2011. Profissionalização política, processo seletivo e recursos partidários: uma análise da percepção dos candidatos do PT, PMDB, PSDB e DEM nas eleições para Deputado Federal de 2010. In *35º Encontro Anual da ANPOCS*. Caxambu - MG: ANPOCS, p. 21.
- Weber, M., 1994. The Profession and Vocation of Politics. In P. Lassman & R. Speirs, eds. *Weber: Political Writings*. Cambridge: Cambridge University Press, pp. 309–369.
- Wolinetz, S.B., 2002. Beyond the Catch-All Party: Approaches to the Study of Parties and Party Organization in Contemporary Democracies. In R. Ghunter, J. Montero, & J. Linz, eds. *Political Parties: old concepts, new challenges*. Oxford: Oxford University Press, pp. 136–165.